



**OLHARES E TRAÇOS SOBRE A CIDADE: OLHAR PARA CIMA É OLHAR
PARA A HISTÓRIA DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM**

- 1 Daniel Costa Silva Neto**
- 2 Daví Desteffani Viana**
- 3 Diogo da Silva de Castro**
- 4 Pablo Silva Xavier**
- 5 Jussara Gabriel Cruz Terra**
- 6 Maria Deuceny da Silva Lopes Bravo Pinheiro**
- 7 Thais Theodoro Mourad**

1 Graduando em Arquitetura e Urbanismo; Faculdade América,
danielnetodrums@gmail.com

2 Graduando em Arquitetura e Urbanismo; Faculdade América,
davi.desteffani.v@gmail.com

3 Graduando em Arquitetura e Urbanismo; Faculdade América,
diogodecastrodasilva@gmail.com

4 Graduando em Arquitetura e Urbanismo; Faculdade América, palsrxavi@gmail.com

5 Especialista em Neuroarquitetura; Professora da Faculdade América,
jussaragcruz@gmail.com

6 Doutora em Ciências da Educação; Professora da Faculdade América e da
FACCACI/FDCI, deucenylopes1@sempre.unifaciq.edu.br

7 Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local; Professora da Faculdade
América, thais_mourad@sempre.unifaciq.com.br

Introdução

A priori, vale destacar o importantíssimo papel de se buscar analisar o espaço ao nosso redor, nossa cidade, visto que a maneira como o percebemos, positiva ou negativamente, influencia fortemente na nossa sensação e relação sobre o mesmo. De outro modo, se mostra aqui necessário expor os problemas do cotidiano urbano e em como nosso sistema produtivo atual corrobora para uma anestesia populacional referente a análise crítica do meio.

Nesse contexto, o presente estudo resulta de uma atividade interdisciplinar realizada pelos alunos do terceiro período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade América, em que através de um passeio a pé pela cidade de Cachoeiro de Itapemirim, buscou incitar nos estudantes a



criação de um olhar mais crítico e amplo acerca do meio em que vivemos e das problemáticas nele encontradas.

Assim sendo, através da pesquisa e do relato fotográfico, foi feita uma exposição dos pontos visitados no percurso, retratando sua riqueza e valor cultural, da mesma forma que os detalhes observados em sua construção e/ou entorno, a fim de explicitar o patrimônio arquitetônico da cidade de Cachoeiro de Itapemirim, e como, devido ao ritmo acelerado dos fluxos urbanos, não conseguimos enxergar e perceber o próprio local em que vivemos e suas características. Ao final faz-se um resgate ao pensamento crítico e o incentivo espaço habitado, prática essa, que somada ao ato de se caminhar pelo meio e ao conhecimento histórico cultural, proporciona a visualização das contradições existentes e da necessidade de se pensar, conceber e apreciar a experiência cidadina, com projetos cada vez mais humanos e que objetivam a sensação do indivíduo, seu bem-estar e conforto.

Metodologia

O presente estudo deriva de um projeto interdisciplinar em parceria com a disciplina de História da Arquitetura Brasileira e Planejamento Urbano, finalizando com a um circuito a pé orientado pela cidade, numa parceria com a Secretaria Municipal de Cachoeiro de Itapemirim.

Além da pesquisa bibliográfica, com consulta nas bases de dados e repositórios, foi realizado um circuito a pé pela cidade de Cachoeiro de Itapemirim, com registro de fotografias e desenhos das percepções do espaço observado, destacando as partes mais importantes e/ou atrativas em termos da memória urbana, do patrimônio histórico-cultural, da arquitetura e do paisagismo, apresentando proposta de intervenção no espaço observado.

Consultar legislação e documentos históricos. O estudo resulta no presente relato crítico com abordagem histórica, social e econômica do circuito realizado.

.

Referencial Teórico



Localizada no sul do estado do Espírito Santo, a cidade de Cachoeiro de Itapemirim é a cidade mais importante economicamente da região sul do Estado do Espírito Santo, conjuntura essa que passou a ser construída por meio da expansão cafeeira do século XIX. Devido a sua favorável localização, tanto por estar próxima ao Rio Itapemirim, quanto por estar geograficamente localizada entre as minas de Castelo e o Porto da Barra, o comércio passou a se intensificar as margens do rio, e com ele a necessidade de estadia na região, fator esse capaz de explicar o antigo casario encontrado nessa região.

O percurso teve início na Casa dos Braga, localizada na Rua 25 de Março e culminou no Museu Ferroviário, localizado na Linha Vermelha. Durante o percurso foi possível perceber a riqueza da história e do patrimônio cultural em destaque para a Casa da Memória, Loja Maçônica Fraternidade e Luz, o Palácio Bernardino Monteiro e todo entorno da Praça Jerônimo Monteiro, a Casa do Roberto Carlos e por fim o Museu Ferroviário.

Como explica Mendes (2006, p.2), “A mudança na relação entre habitante e cidade está diretamente relacionada com as transformações que caracterizaram a modernidade urbana”. Essa relação é capaz de afetar a maneira como percebemos a cidade em que vivemos. Sendo assim, com o advento das mais diversas tecnologias do século XXI, como os aparelhos celulares móveis (*smartphones*) e as redes sociais, unidos ainda as demais tecnologias posteriores do século XIX, como o automóvel, evidenciam como os fluxos cotidianos estão se tornando cada vez mais acelerados, seja a maneira como nos locomovemos pela cidade, seja pelo intenso comércio ou pelo bombardeamento de informações que recebemos.

Essa realidade cotidiana, fortemente intensificada pela enorme poluição visual e sonora do centro urbano, corrobora para uma sensação distorcida do espaço. O indivíduo se encontra preso a um ciclo de produtividade imposto pelo sistema e a modernidade, ciclo esse cada vez menos humano, já que o que importa é o lucro e a rapidez, substituindo a sensação do lugar. A respeito dessa transformação, Berman expõe que:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura,



II Congresso INTERNACIONAL Psicologia FACULDADE AMÉRICA

poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém é uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. (BERMAN,1996)

Além disso, por comodidade, costume e/ou necessidade, a locomoção pela cidade se dá na maioria das vezes por automóveis, sejam eles públicos ou particulares, o que apenas intensifica tal problemática. Com isso, a população passa a visualizar apenas o que a convém através do para-brisa de um carro ou da janela de um ônibus, isso quando o indivíduo não se encontra distraído pela tela de um celular. Por conta dessa realidade, ao término do tour a pé por Cachoeiro de Itapemirim, foi possível compreender a importância e o valor de se caminhar pela cidade, prática essa capaz de proporcionar um afastamento do ciclo moderno e a possibilidade de se reparar os detalhes dos prédios, casas, ruas e construções que nos cercam, e que, como foi exposto no tópico anterior, têm muito a dizer sobre a história da população de Cachoeiro de Itapemirim.

De outro modo, há de se destacar aqui que tais detalhes não se encerram na riqueza arquitetônica e histórica dos edifícios da cidade, mas perduram para outras esferas, como por exemplo, os fenômenos únicos que acontecem no cotidiano urbano – momentos belos que passam despercebidos devido ao caos do centro da cidade. Podendo ser de caráter urbanístico, paisagístico, artístico e/ou natural, como as notas musicais espalhadas pela ladeira que leva a Casa do Roberto Carlos; a necessidade, importância e ausência de áreas verdes no decorrer do trajeto; os grafites e manifestações artísticas de rua; as árvores centenárias e as flores; o canto dos pássaros; ações cidadãs e de ajuda ao próximo; a bela e rica arquitetura e as próprias pessoas – que deveriam ser o foco do desenvolvimento urbano.

Logo, podemos sintetizar essa questão em uma afirmativa e conclusão norteadora, a de que Olhar para cima em Cachoeiro de Itapemirim, parar, respirar e desviar o olhar das propagandas, do trânsito e do comércio



fervoroso, é capaz de demonstrar não apenas como a cidade foi um dia, mas como ela é em sua essência, cheia de detalhes e peculiaridades – Olhar para cima é contemplar o passado e a História do povo Cachoeirense, e é através dessa iniciativa que podemos entender e começar a evidenciar os problemas da cidade atual. Todavia, o ritmo acelerado do centro, o vício em tecnologia, as propagandas que escondem os traços arquitetônicos, a poluição audiovisual, se relaciona e/ou intensifica a inércia e apatia populacional, o ciclo de produção desenfreada desumaniza o espaço, e propicia a formação de indivíduos cada vez menos interessados em pensar e refletir sobre sua situação no mesmo. Deixando isso explícito, acaba-se por desatrelar parte da problemática do âmbito governamental, dos incentivos e projetos, atribuindo ao próprio ser o papel de refletir e buscar conhecer a sua cidade e, conseqüentemente, incitar um pensamento crítico e reflexivo.

Como explica Borja, (2003, p. 27), em seu livro *“La ciudad conquistada”*, “a vida de uma cidade está interligada as relações e sensações humanas, por isso, manifesta-se através da mudança, diferença e do conflito”. Dessa forma, não há cidade sem memória e projeto de futuro, a nossa percepção e olhar crítico deve primeiro se basear nas informações precedentes, o que só demonstra o importante papel do estudo e conhecimento histórico para se planejar medidas acerca do espaço que nos cerca.

Tal entendimento tem estado cada vez mais ausente no cotidiano da população em geral e esse desinteresse pode ser relacionado ao raciocínio do filósofo inglês Scruton (2013), que em seu livro *Beleza* expõe como a mudança de paradigma trazido pela modernidade afasta, direta ou indiretamente a crítica das esferas artísticas e corrobora para a dormência do indivíduo perante sua situação no meio em que vive. No século XVII e XVIII, a nível de exemplo, a ideia geral dominante era a de que a Arte, a Música e a Arquitetura tinham e deveriam ter como objetivo final a Beleza, e proporcionar através de suas peculiaridades a contemplação da mesma. Porém, a ideia e mudança modernista trouxe a exaltação da originalidade e da quebra com os conceitos preexistentes – a crítica então passou, para Scruton (2013), a ser vista como uma ação elitista e retrógrada. Destarte, ao passo que a população



dá cada vez menos ênfase a prática de se apreciar, analisar, estudar e criticar a arquitetura e o espaço em que vive, seja pela influência do relativismo contemporâneo e/ou ignorância – fator esse relacionado a educação e ao incentivo da mesma. Pode-se aqui enfatizar que a maneira como projetamos nossas casas, prédios e cidades também acabam por agravar o quadro apático acima evidenciado. As construções e o Urbanismo têm atendido muito mais a máquina de produção e uma classe seleta do que o Ser Humano em si, foca-se na agilidade e objetividade, muito mais do que na sensação do percurso a pé (nossa maneira pura de locomoção). O espaço citadino e o projeto futuro se encontram em decadência, sem história e crítica nos tornamos fantasmas e seres cada vez mais indiferentes com o meio ambiente e os outros cidadãos.

Tendo a amplitude da problemática em vista, se mostra necessário concluir que o Arquiteto/Urbanista têm um importante papel quanto a manutenção da maneira como vamos perceber o espaço a nossa volta, uma boa arquitetura deve ser aquela que inclui o homem em sua essência, ou seja, projetar uma cidade para todos, atendendo as normas de acessibilidade, é apenas o princípio, um estágio embrionário, visto que somente com o auxílio da Prefeitura local, seja com um maior incentivo as práticas artísticas ocorridas nos edifícios históricos, ou com a divulgação e ensino escolar da importância de se conhecer as histórias locais, assim como buscar sempre incluir os cidadãos nos processos de reforma e transformação urbana –sentimento de pertencimento, tudo isso atrelado ainda ao incentivo a crítica, fotografia urbana e a prática de se caminhar pela cidade, são medidas simples mas de cunho primordial para criar, aos poucos, indivíduos cada vez mais atentos aos problemas que o cercam e com capacidade e vontade de os expor e propor mudanças.

CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou que a maneira como nos locomovemos pelo espaço urbano tem total relação com a forma a qual percebemos e concebemos a nossa cidade, fator esse evidente ao se realizar o percurso a pé



pela cidade de Cachoeiro de Itapemirim, em que a visita a edifícios históricos somente contribuiu para o enriquecimento de nosso olhar crítico para com o ambiente que vivemos.

Tendo isso em vista, o grupo buscou através de fotografias, evidenciar os pequenos detalhes da cidade, que passam despercebidos pelo caos urbano do dia a dia e, por conseguinte, a beleza arquitetônica municipal, sobre isso, foi abordado o papel da crítica e o incentivo para que todos possam refletir sobre sua situação, ponderando os pontos negativos e positivos, a fim de se distanciar do ciclo desumano contemporâneo da máquina lucrativa. Logo, através da pesquisa e da atividade, se tornou ainda mais evidente o papel do arquiteto/urbanista e a influência de suas escolhas na vida da população.

Destarte, a busca pela reflexão e o conhecimento histórico dos espaços que nos cercam, atrelado ainda ao entendimento do que é a Arquitetura, são medidas capazes de nortear o nosso futuro, já que sua resolução e projeto devem basear-se na necessidade cotidiana evidenciada e na História de todos nós.

Palavras-chave: Perceber a cidade. Espaço citadino. Papel do arquiteto/urbanista.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Modernidade**: ontem, hoje, amanhã. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BORJA, J. **La ciudad conquistada**. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

CACHOEIRO, P. D. A Cidade. **Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim**.

Disponível em: <https://www.cachoeiro.es.gov.br/a>

cidade/historia/#:~:text=Oficialmente%2C%20a%20hist%C3%B3ria%20de%20Cachoeiro,pelos%20%C3%ADndios%20puris%20e%20botocudos. Acesso em: 08 jun. 2022.

MENDES, D. **I Seminário Arte e Cidade**: Um olhar sobre a cidade. Salvador, 23-26 maio 2006. p.15.

SCRUNTON, R. **Beleza**. 1º. ed. [S.l.]: É Realizações, 2013.